

A ISKCON NO BRASIL: TRANSFORMAÇÃO OCIDENTAL DE UMA RELIGIÃO VÉDICA E INCORPORAÇÃO DE SEUS TRAÇOS CULTURAIS NA SOCIEDADE ABRANGENTE

Silas GUERRIERO (PUC-SP)

A ISKCON é uma das mais sólidas e enraizadas organizações religiosas orientais não vinculadas a grupos étnicos no Brasil. Faz parte do cenário urbano, não causando mais surpresa entre nós. É sempre lembrada como exemplo de novas religiões orientais no Ocidente.

O autor analisa as transformações sofridas pela ISKCON no Brasil. Tendo incorporado elementos da cultura brasileira contribuiu, também, para alimentar nosso campo religioso com traços culturais hindus. Esse duplo movimento colabora tanto para a orientalização do universo religioso brasileiro como torna a ISKCON uma religião de características ocidentais, com seus defeitos e qualidades.

A ISKCON chegou ao Brasil em 1974 e até hoje aí permanece como a mais sólida instituição religiosa de cunho orientalista não vinculada a grupos étnicos. Se nos primeiros momentos aparecia como possibilidade de uma vivência exótica de uma espiritualidade oriental, hoje compõe o cenário religioso brasileiro mais amplo disputando espaço com outras denominações. Esta transformação fez com que a ISKCON se adaptasse ao modo de ser ocidental e também contribuísse com seus traços culturais para a composição do quadro cultural religioso da sociedade brasileira.

O objetivo deste trabalho é analisar as transformações sofridas pela ISKCON, nestes vinte e cinco anos de ininterrupta atividade, através de uma abordagem socio-antropológica da sua organização institucional. Estaremos enfocando a estrutura mais ampla, as mudanças internas, as rupturas e os sistemas econômico e político.

1. A ISKCON no Brasil e o contexto Latino Americano

Desde seus princípios, a expansão do Movimento *Hare Krishna* pelo mundo ocidental se fez sem um plano estratégico e uma política centralizada. Assim como em muitos outros países, a ISKCON chegou ao Brasil através da ação de jovens isolados, atraídos pelos ideais da contracultura, seguindo a pregação do *guru* hindu Bhaktivedanta Prabhupada e seu exótico movimento que difundia o canto de *mantras* sagrados. O próprio Prabhupada insistia sempre que seus discípulos deveriam continuar a sua obra abrindo novos templos onde houvesse pessoas interessadas (Satsvarupa, 1982). Esta prática marcou

profundamente a estrutura da ISKCON no mundo todo e no Brasil em particular. Apesar de todas as atitudes por um controle centralizado, notadamente através da formação do GBC¹, os templos ficaram com a marca pessoal de seus líderes locais.

O início do Movimento no Brasil foi tardio em relação a outros países da América Latina, como México, Venezuela e Argentina. Prabhupada chegou a visitar o México e a Venezuela, mas não esteve pregando no Brasil pois o que viria a ser a ISKCON se restringia ainda a poucos devotos que se reuniam nos finais de semana para cantar. Quando a ditadura militar argentina, diferentemente da postura dos militares brasileiros, proibiu e reprimiu o movimento naquele país, muitos devotos vieram para o Brasil. Isso favoreceu o crescimento da ISKCON neste país, tornando um centro de aglutinação de devotos de vários países latino-americanos, que por perseguições políticas ou por insuficiência de recursos não tinham condições de estruturas próprias.

Este momento coincidiu com a morte de Prabhupada, em 1977. Com a divisão mundial em onze territórios estabelecida pelo ISKCON, a América Latina ficou sob a tutela do *guru* norte-americano Hridayananda Acharyadeva. Foi a partir daí, e até 1985, que o Movimento no Brasil experimentou um forte crescimento, com a abertura de templos em várias grandes cidades e o início da construção da comunidade rural de Nova Gokula.

Seguindo o postulado de que a cada local a ISKCON tomou características segundo as lideranças locais, podemos entender o desenvolvimento no restante da América Latina.

A ISKCON na Argentina só saiu da clandestinidade voltando a ter templos no final dos anos oitenta, porém não mais com o *guru* Hridayananda, e sim com outro líder americano estabelecido na Europa. Isso fez com que ficasse isolada no contexto latino americano.

No México, a existência de uma fábrica de incenso lucrativa possibilitou um grande investimento através da compra de uma fazenda. Mas problemas posteriores e a passagem da área do México das mãos de Hridayananda para um outro *guru* norte-americano que na época morava por lá, fizeram com que o Movimento sofresse diversos reveses. Alguns devotos não aceitaram o novo mestre, iniciando disputas internas muito violentas. Após a exclusão deste líder, o Movimento no México sofreu muito, sendo obrigado, inclusive, a fechar a fazenda por completo. Na Venezuela a ISKCON nem chegou a crescer significativamente. Após a crise econômica provocada pela questão do petróleo o Movimento nunca mais se reergueu. Desde a morte de Prabhupada, dois líderes locais, já tornados *sannyasis*², não aceitavam

¹ O **GBC** - Governing Body Commission – foi formado por Prabhupada e destinado a manter o padrão de adoração bem como pelos rumos da ISKCON pelo mundo.

² Na tradição hindu, *sannyasi* significa a ordem de renúncia da vida material que o indivíduo na busca de uma devoção pura atinge após anos de casamento e com os filhos já criados. No caso da ISKCON no Ocidente, vários jovens foram incentivados a se tornarem *sannyasis* sem passar por todas as etapas de *ashrama*, as ordens

a autoridade de um *guru* americano. Revoltaram-se contra o GBC, tornando-se a primeira rebelião contra o órgão centralizador e um mestre instituído. Esses dois *sannyasis* tornaram-se *gurus* por conta própria, afastando-se do Movimento. Após alguns anos se associaram a outro *guru* hindu não ligado à ISKCON, Sridhdhara Maharaja, irmão espiritual de Prabhupada. Cada vez mais restritos e isolados, um desses *sannyasis* voltou a fazer parte da instituição e o outro, sentindo-se atormentado e pressionado, acabou se suicidando há alguns anos. Ambos estavam com poucos seguidores e a ISKCON na Venezuela nunca mais voltou a ser expressiva.

No restante da América Latina a ISKCON se fez presente nas capitais e grandes centros urbanos de maneira bastante tímida. Cabe destacar o templo da cidade de Lima, no Peru, que tem uma estrutura forte, uma escola própria e até mesmo uma comunidade rural, mas com um número reduzido de seguidores. O Brasil é, portanto, o país latino americano onde a ISKCON se encontra mais fortemente estruturada.

2. A transformação ocidental de uma religião védica

As graves crises acometidas no interior da ISKCON de vários países, acarretando inclusive a queda de alguns dos onze *gurus* iniciais, não chegaram a abalar o movimento no Brasil. A ISKCON é uma religião formada basicamente por norte americanos, sendo que muito deles ficaram no controle de extensas áreas não só da América Latina, mas também da Europa, da África e da própria Índia. Hridayananda Acharyadeva teve, inicialmente, um poder muito restrito, visto que a América Latina era tida como área de menor importância em relação a países europeus e outras áreas do território norte-americano. Esteve sempre mais preocupado com questões filosóficas e acadêmicas, tendo sido o continuador da extensa obra, iniciada por Prabhupada, de tradução e comentário do Srimad-Bhagavatam, um dos textos sagrados do movimento *vaisnava*³. Esse distanciamento político e a postura mais voltada ao campo das crenças fez com que, durante a crise dos *gurus* em 1986, o movimento não sofresse abalos no Brasil. Não houve nesse momento, salvo algumas exceções, rupturas em novas correntes, nem questionamentos da posição de Hridayananda. Isso tudo possibilitou uma maior autonomia do movimento por aqui, com a formação de lideranças locais, independentes dos norte-americanos. Também as características da religiosidade brasileira, mais aberta, sincrética e aglutinadora das diferenças, fizeram com que as crises políticas e institucionais não acarretassem em crises de fé religiosa.

Se por um lado a natureza do Movimento *Hare Krishna* é, ou pretende-se, igual em todo canto, por outro assume características locais devido aos estereótipos da cultura em que se insere e às

espirituais. O ideal da renúncia é o desenvolvimento pleno da vida espiritual, mas no Ocidente os *sannyasis* tornaram-se, também, líderes administrativos.

³ *Vaisnava* é a designação dada aos seguidores do deus Visnu e, no caso da ISKCON, o reconhecimento de Krishna como a encarnação perfeita desse deus.

idiosincrasias de suas lideranças. De maneira geral, o ethos americano empreendeu à ISKCON uma estrutura rígida muito mais próxima de algumas igrejas cristãs que a uma seita oriental. A postura mais radical e a preocupação com a instituição se fizeram bastante presentes neste estilo norte-americano. No Brasil o movimento tomou outro rumo. É interessante notar um certo paralelismo entre a ISKCON e o cristianismo em nosso país. O Brasil é o maior país católico do mundo em número de crentes, porém, o catolicismo brasileiro assume características muito distintas do que na Europa. Apesar das imposições da Igreja oficial, o catolicismo vivenciado pela maioria dos brasileiros é o da crença e devoção aos santos, independentemente da ortodoxia institucional. Essa forma de viver a religião acabou influenciando os próprios rumos da ISKCON entre nós. Percebemos, destarte, o que chamamos de transformação ocidental de uma religião védica. Muito além de ser uma corrente hindu dentro dos moldes tradicionais da vivência e aprendizagem com o *guru*, moradia num *asharam*⁴, sucessão discipular e outras características, a ISKCON é mais uma religião ocidental com crenças em mitos e símbolos védicos.

Seguindo a tradição hindu, Prabhupada seria um mestre espiritual com vários discípulos, não preocupados com as estruturas burocráticas institucionais. Quando da morte e desaparecimento do líder, alguns seguidores se tornariam novos *gurus* e seguiriam caminhos próprios dentro de uma mesma crença e filosofia, ou seja, a tradição da sabedoria milenar da Índia. No caso da ISKCON até hoje há controvérsias a respeito da sucessão. Há quem diga que Prabhupada designou apenas aqueles onze *gurus* originais para darem iniciação em seu nome⁵. Outros afirmam que os mestres deveriam ter autonomia. No primeiro caso a unidade de doutrinas e crenças se faz em torno da figura do grande *guru*, hindu, e portanto legitimador da tradição milenar védica. No segundo, os novos mestres passaram a ser vistos e até posicionarem-se como novos *acharyas*, imbuídos de um poder não comum aos ocidentais, o que poderia acarretar, como de fato ocorreu com alguns, grandes problemas pessoais. Com o passar do tempo, em consequência dessa segunda postura, as novas gerações e os novos adeptos então convertidos, distantes desses momentos e controvérsias originais da ISKCON, passariam a ver Prabhupada como o herói mítico fundador, re-significado. Nesse sentido, a instituição ficaria cada vez mais com características ocidentais assumindo o papel de aglutinação dos devotos de Krishna.

Houve uma grande transformação em 1987, com a abertura para que outras pessoas pudessem vir a se tornar *gurus*. Brasil e México eram, na época, os únicos países na América Latina em que havia fortes lideranças locais que viraram novos mestres. O Brasil chegou a ter após esse período quatro *sannyasis* capazes de dar iniciação, formando em

⁴ *Asharam* é o local de moradia do mestre espiritual e seus discípulos, que através do contato pessoal tomam conhecimento dos saberes tradicionais.

⁵ Esse processo é chamado de *Ritvik*, termo em sânscrito que designa aquele que efetua a cerimônia em nome do verdadeiro *guru*.

torno deles grupos de pregação. Essa proximidade com o *guru* trouxe um novo alento a muitos devotos que estavam insatisfeitos com o distanciamento entre discípulo e mestre no sistema anterior. Liam e ouviam a respeito dos princípios sobre a proximidade do neófito e seu mestre, mas experimentavam na prática um contato indireto, por meio de cartas, ou disputavam lugares nas aulas públicas nas raras visitas do mestre norte-americano e dispunham de escassos minutos para um contato mais pessoal. Após a formação de *gurus* brasileiros, essa questão foi, em larga escala, contornada, acrescentando-se o fato do carisma pessoal de alguns desses *sannyasis* ter contribuído muito para uma nova feição do movimento no Brasil.

Isso não aconteceu na Argentina. O líder era um americano que vivia na Alemanha, e de lá iniciava seus discípulos argentinos ou enviava algum outro *guru* que em rápidas visitas fazia a iniciação. Tal fato acarretou numa multiplicidade de mestres espirituais, de várias nacionalidades, e na impossibilidade de constituição de raízes propriamente argentinas. Em 1998, esse *guru* rompeu com a ISKCON, provocando uma crise mundial. O Movimento na Argentina sofreu um enorme abalo, estando até hoje com dificuldades para se recompor.

A ISKCON no Brasil nunca enfrentou graves problemas com desvios de conduta de seus líderes, como em outras partes do mundo. Não houve fatos graves ou escândalos que provocassem crises violentas. Dos quatro *gurus* iniciais apenas um não está mais iniciando devotos. Depois que casou, abandonando o título de *sannyasi*, permaneceu devoto de Krishna mas distanciando da organização central da ISKCON. Poucas foram as dissidências e rupturas do Movimento ao longo desses anos. Apenas alguns devotos, por não concordarem com as lideranças e a política centralizada acabaram saindo da instituição, formando novos grupos. O mais sólido que permanece até hoje é formado pelos seguidores de Sridhdhara Maharaja.

Tais fatos comprovam as dificuldades enfrentadas pelo Movimento Hare Krishna devido a influência de suas lideranças locais. Nesse sentido, difere-se muito de outros movimentos orientalistas hindus no Ocidente, *vaisnavas* ou não. Em termos gerais, estes não estão preocupados com a formação de uma sólida instituição controlada por um órgão central. É o caso, no Brasil, da Ananda Marga, dos seguidores de *gurus* como Sai Baba, Rajneesh, Sridhdhara Maharaja, Narayana Maharaja e outros. Formam, até os dias atuais, grupos isolados de seguidores dessas filosofias, com um caráter esotérico de uma busca individual a partir dos ensinamentos daqueles grandes mestres. A ISKCON, ao contrário, possui um forte componente exotérico, num movimento de pregação e expansão, assumindo, assim, os moldes de uma igreja ocidental. Esse dilema acompanha o movimento: de um lado luta para não se distanciar dos princípios *vaisnavas* e daquilo que Prabhupada pregava; por outro, ao expandir-se cria uma estrutura muitas vezes problemática, dependente de suas lideranças e assumindo as características das culturas locais.

Essa tem sido a marca da trajetória da ISKCON no Brasil.

3. Os momentos históricos da ISKCON no Brasil

A história do Movimento Hare Krishna no Brasil evidencia-se por três períodos distintos. O momento inicial, de 1974 a 1977, caracterizava-se pelas existências de grupos isolados que começaram a trazer dos Estados Unidos e da Europa os livros de Prabhupada. Em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, formaram-se pequenas comunidades. Não havia, ainda, templos com deidades instaladas. A presença desses grupos na sociedade mais ampla era muito tímida e, quando saíam para as ruas em pregações, não deixavam de causar espanto e certo distanciamento da sociedade mais ampla. Após 1977, já sob a autoridade de Hridayananda, a ISKCON do Brasil experimentou um forte avanço. Vários templos surgiram nas capitais e em outras grandes cidades. Foi um período de institucionalização e crescimento. Através de um marketing agressivo, os devotos se fizeram aparecer nos meios de comunicação. As pessoas se mostravam abertas para ouvir o que diziam aqueles exóticos rapazes de cabeças raspadas que abordavam os transeuntes. A pregação calcava-se na venda dos livros de Prabhupada, publicados pela BBT do Brasil. O crescimento editorial possibilitou uma forte arrecadação de recursos que financiou tanto a manutenção dos templos como a compra de uma fazenda no interior de São Paulo, construindo ali uma grande comunidade rural. Nesse período, os devotos e suas lideranças, tinham a expectativa de um crescimento quantitativo expressivo que pudesse causar uma mudança em toda a sociedade. Tratava-se de mostrar a todos uma saída para a vida vazia e sem sentido que as pessoas vivenciavam. Foi um momento de radicalização entre dois modos de vida: aqueles que atingiam a consciência de Krishna estariam salvos; os demais que não a aceitassem estariam condenados, ainda, a viverem repetidas encarnações nesse mundo material. O terceiro momento, é o da consolidação que acontece nos anos noventa. O movimento deixa de ser revolucionário e inovador, acomodando-se no interior de um campo mais amplo das demais denominações religiosas. Passa a ser mais uma religião dentre várias ofertas existentes na sociedade brasileira, assumindo as características próprias de uma igreja. É o período em que os quatro *gurus* brasileiros já se encontram atuantes. As marcas pessoais desses mestres e também dos demais líderes locais se fazem prevalecer. O movimento deixa de crescer numericamente, havendo inclusive um pequeno decréscimo de devotos internos e de templos instituídos. Deixa de haver, também, a grande rotatividade existente anteriormente entre aqueles que entravam no movimento mas que não permaneciam por muito tempo.

O Brasil é um país de contrastes. Ao mesmo tempo em que apresenta áreas de riqueza que se comparam à situação social dos países mais ricos do planeta, apresenta índices de sub-desenvolvimento, miséria e exclusão social de um grande contingente populacional. O Movimento Hare Krishna sempre esteve

voltado às camadas médias com razoável nível de escolaridade. Nunca houve uma atuação específica voltada à conquista e conversão dos mais pobres, salvo algumas práticas isoladas de distribuição de *prashada*⁶. O discurso exótico do hinduísmo não tem apelo a essas camadas, que não vêem a adesão aos símbolos orientais como uma opção de mudança. Sendo a camada mais abastada diminuta numericamente, a pregação do movimento se fez quase que exclusivamente sobre as classes médias. Não há diferenças significativas, neste aspecto, em relação aos países da Europa ou da América do Norte. Os jovens dessas classes médias não encontram hoje as mesmas necessidades de mudança que antes os acometiam. Existem outras opções de vivência da religiosidade, sem necessidade de fortes rupturas. Tal fato acarretou uma diminuição da atuação da ISKCON em termos institucionais, inclusive com fechamento de alguns templos e mudança na forma de pregação.

Na década de oitenta, a ISKCON chegou a ter no Brasil dezoito templos urbanos além da comunidade rural de Nova Gokula, totalizando oitocentos devotos que viviam de maneira monástica (Guerriero, 1989). Hoje esses números são significativamente menores. Há poucos templos e basicamente todos eles sofrem dificuldades econômicas para seu próprio sustento. O movimento no Rio de Janeiro, que já chegou a ter um grande templo, foi obrigado a devolver o imóvel por falta de condições de pagamento de aluguel. As deidades foram transportadas para uma pequena comunidade rural na região serrana, distante cerca de 100 Km. O interessante é perceber que o número total de devotos, incluídos aqueles que não moram nos templos, é maior nos dias atuais. Porém, não há mais rituais em que se reúnem todos. Calcula-se que em São Paulo e no Rio de Janeiro existam em cada uma dessas cidades por volta de mil devotos de Krishna. Cidades menores como Florianópolis nem possuem templos organizados, mas é freqüente reunir até setenta devotos em ocasiões especiais, todos moradores da cidade. Fora desses momentos esses devotos costumam reunir-se em pequenos grupos nas casas de amigos.

A comunidade rural de Nova Gokula é uma exceção nesse processo. Vencendo paulatinamente as dificuldades de carência de recursos financeiros, conseguiu manter um ritmo de crescimento constante e hoje é tida como um exemplo concreto de uma vivência védica no Ocidente. Aglutina não somente devotos de todo o Brasil, mas também de vários outros países da América Latina. Em Nova Gokula está localizado o maior templo do movimento no Brasil, numa rica construção em estilo indiano, que contou com a dedicação de vários devotos por muitos anos. Além do templo, há de se destacar a escola *gurukula*, que atende não só aos filhos de devotos da fazenda e dos demais templos brasileiros, como aos moradores carentes da região. Estes não dispõem de uma atuação mais efetiva por parte do Estado, sendo a *gurukula* a única possibilidade educacional num raio de vários quilômetros. A escola tem registro oficial e pode formar alunos até o

⁶ *Prashada* é o alimento oferecido a Krishna, que se espiritualiza podendo purificar as entidades vivas.

ensino médio, pois além da perspectiva pedagógica védica, com os alunos vivendo numa espécie de *ashram* com os professores, fornece o currículo necessário para ter reconhecimento oficial de escola regular.

A comunidade conta, ainda, com local para os devotos celibatários, além de dezenas de casas onde moram as famílias que optaram por uma vida estável e investiram na construção de suas residências no interior da fazenda. A população de Nova Gokula atinge mais de duzentos habitantes, com um índice de rotatividade muito menor hoje que na década de oitenta.

Localizada aos pés da Serra da Mantiqueira numa bela área de mata nativa, Nova Gokula desenvolve uma luta por preservação ambiental, procurando conscientizar os demais moradores da importância da questão ecológica. São raros, porém, os outros momentos de integração e relacionamento da comunidade com a população circunvizinha. O engajamento ecológico tem sido, nos dias atuais, um dos expoentes da atuação da ISKCON na sociedade brasileira. Em vários momentos de lutas ambientais nas grandes cidades os devotos se fazem representar, dançando e cantando seus *mantras* com suas roupas alaranjadas e cabeças raspadas. A sociedade civil já conta com a atuação da ISKCON nestes eventos, e sua presença passa a ser um componente não contrastivo da paisagem.

A diminuição do número de templos e a difusão do número de devotos externos demonstram uma mudança profunda no perfil de atuação da ISKCON no Brasil. Até o final dos anos oitenta era valorizada e incentivada a conversão do devoto. Dentro dos moldes de uma seita o devoto se sentia obrigado a abandonar família, estudos, emprego, amigos e todas suas atividades anteriores, que passavam a ser vistas como *maya*⁷. A conversão se completava com uma nova vida monástica, novo nome e todos os rituais de iniciação. Atualmente existem programas de reunião de devotos externos, aqueles que se identificam com a ISKCON mas não abandonam suas famílias e atividades. Se antes estas pessoas eram discriminadas, hoje são até incentivadas a esse tipo de participação.

Há um fundo econômico nessa mudança. Devido à precariedade da estrutura econômica, é cada vez mais difícil a manutenção de templos com número grande de devotos. As fontes de renda para tal tornaram-se escassas nestes últimos anos. Nos primeiros momentos, os templos eram mantidos basicamente pela venda de livros e incensos, além de doações esporádicas realizada por devotos que se convertiam. Hoje a pregação nas ruas e conseqüente arrecadação monetária proveniente da venda de livros é cada vez mais difícil. O Movimento deixou de ser uma novidade e o grande público já não se interessa em comprar livros por mera curiosidade filosófica. O mercado editorial ficou restrito àqueles simpatizantes que já conhecem a teologia *Hare Krishna* e buscam um aprofundamento. A precariedade das instalações de moradia e, fundamentalmente, a desnecessária conversão total como

⁷ Ilusão do mundo material, que deixa o indivíduo longe da devoção a Krishna.

forma de abandonar *maya* e atingir a consciência de *Krishna*, tem alterado profundamente a proporção entre devotos internos e externos.

4. A incorporação dos traços culturais védicos na sociedade brasileira

A facilidade de ingresso ao Movimento, tornada possível pela ausência da necessidade de conversão, se fez acompanhar de mudanças ocorridas na religiosidade da sociedade brasileira. Na década de setenta e início dos anos oitenta, a conversão ao Movimento Hare Krishna significava uma alteração profunda no estilo de vida e a busca de valores diferentes dos ocidentais. Fruto da contestação do movimento de contracultura e, posteriormente, do movimento ecológico, a ISKCON oferecia os símbolos exóticos das religiões védicas que atraíam um contingente expressivo de pessoas, majoritariamente jovens em busca de alternativas numa sociedade sem utopias. Representava, também, uma saída para a situação política mais ampla. A ditadura militar havia reprimido os canais de manifestação dos jovens. Ou se caía na clandestinidade, correndo os riscos daí provenientes, ou se calava. A construção de comunidades alternativas ecológicas e a vivência de uma religiosidade oriental representaram uma maneira diferente de viver uma utopia. Hoje a sociedade brasileira apresenta outras possibilidades. A democracia não impede o jovem de buscar seus possíveis ideais, e também o espaço religioso não é mais o mesmo. Não é preciso mais voltar-se ao exótico distante oriental para mudar o quadro de referências e de crenças.

Nunca houve no Brasil uma imigração significativas de indianos. Os poucos que vieram para cá o fizeram por questões profissionais. São executivos de empresas multinacionais ou mesmo professores universitários. Alguns desses indianos simpatizam-se com a ISKCON e freqüentam seus templos esporadicamente. Buscam um pouco da espiritualidade hindu bem como um contato com a culinária e demais elementos da cultura da Índia. O Brasil possui várias grandes religiões de cunho orientalista, mas todas elas, direta ou indiretamente, estão ligadas a grupos étnicos, principalmente japoneses e chineses. A ISKCON não possui esta vinculação com uma etnia. Entrou no país através de jovens ocidentais e através deles cresceu e se sedimentou. É hoje a mais sólida e estruturalmente organizada instituição religiosa oriental não vinculada a grupos étnicos no Brasil, sendo mais uma denominação a compor o quadro religioso desse final de século. Perdendo sua característica de seita e a necessidade de conversão, a ISKCON se tornou uma opção a mais para as escolhas religiosas individuais.

Os anos oitenta foram marcados no Brasil por um aprofundamento da secularização. Longe de significar um fim das religiões, representou o crescimento de seitas evangélicas, de cultos afro-brasileiros e dos grupos orientalistas. Todas essas formas guardam entre si a característica de vivências individualizadas. O indivíduo pode

escolher livremente e formar seu próprio sistema de crenças. A perda da autoridade das instituições tradicionais religiosas se faz acompanhar de um aumento na procura de práticas mágicas para resolver problemas pessoais. Isso fez com que aumentasse o fenômeno do trânsito religioso e do sincretismo e agregação de crenças de matrizes diferentes.

A ISKCON contribuiu para a elaboração dessa cultura religiosa brasileira dos anos oitenta e noventa na medida em que trouxe elementos da matriz cultural hindu que foram re-significados e re-elaborados pelos brasileiros na trajetória desses trânsitos e vivências múltiplas. Alguns autores apontam a existência de uma base simbólica religiosa na sociedade brasileira, de uso comum a todas as religiões (Negrão, 1997 e Droogers, 1987). Apesar de muito antiga nos seus elementos mais tradicionais, oriundos do cristianismo, do espiritismo e das religiões afro-brasileiras, essa base simbólica ganhou um incremento com a divulgação, através dos meios de comunicação ou mesmo das experiências pessoais, dos componentes das novas religiões orientais, entre elas a ISKCON. Longe de ser uma simples importação de traços culturais orientais, esse fenômeno significa um desenvolvimento cultural do próprio Ocidente, sedento por uma vivência espiritualista e mística distante do racionalismo da visão hebraica-cristã (Campbell, 1997).

A presença da ISKCON em nossa sociedade é quantitativamente desprezível, mas representa algo significativo não só pela manifestação de entusiasmo de seus adeptos, mas pela contribuição dada por elementos de sua teologia ao quadro cultural religioso mais amplo. Hoje ninguém se espanta ao ver um *hare krishna* na rua, mas fundamentalmente, suas concepções e visões de mundo deixaram de ser simplesmente exóticas e fazem parte do universo de crenças da população em geral. Os traços culturais do Oriente védico estão agora incorporados à sociedade brasileira.

Os devotos de Krishna formam uma micro sociedade consolidada. São vistos com respeito pelas outras religiões, pelos líderes políticos, pela imprensa e pela opinião pública. Conquistaram um espaço na nossa sociedade, não tão védico mas sem dúvida diferente e complexo.

REFERÊNCIAS

- BARKER, E. (1995), "Plus ça change...", *Social compass* 42(2): 165-180.
- CAMPBELL, C. (1997), "Orientalização do Ocidente", *Religião e sociedade*, 18/1: 5-22.
- DANER, F. (1975), "Conversion to Krishna Consciousness. The transformation hippie to religious ascetic", in Wallis, R. (ed) *Sectarism. Analyses of religious and non-religious sects*. London: Peter Owen Ltda.
- DROOGERS, A. (1987), "A religiosidade mínima brasileira", *Religião e sociedade*, 14/2.
- GELBERG, S. (ed) (1983), *Hare Krishna, Hare Krishna*. New York: Grove Press.

- GUERRIERO, S. (1989), *O Movimento Hare Krishna no Brasil: a comunidade religiosa de Nova Gokula*. São Paulo: PUC-SP, 179 p.
- KNOTT, K. (1986), My sweet lord. *The Hare Krishna Movement*. Wellingborough: The Aquarian Press.
- NEGRÃO, L.N. (1997), "Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado", *Religião e sociedade*, 18/2: 63-74.
- PIERUCCI, A.F. e PRANDI, R. (1996), *A realidade oscial da religião no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- SATSVARUPA DASA (1982), *Srila Prabhupada-lilamrta*. São Paulo: BBT, 4 volumes.